

---

Valdeci B. de. M. Oliveira<sup>1</sup>  
Claudiana Soerensen<sup>2</sup>  
Priscilla de. P. Cordeiro<sup>3</sup>

---

---

**ABRAÇO SEM MEDO: LEITURA E CIDADANIA  
NA PENITENCIÁRIA INDUSTRIAL DE  
CASCAVEL**

RESUMO: Desde 2005, o projeto Abraço Sem Medo: leitura e cidadania na Penitenciária Industrial de Cascavel (PIC) tem desenvolvido atividades de leitura e de produção de textos de composição, de adaptação e de construção de espetáculos com presos condenados que cumprem pena na Penitenciária Industrial de Cascavel. No ano de 2008, o projeto recebeu fomento do Ministério da Cultura, ao ser aprovado no Programa Proext/2008. A proposta visa desenvolver as habilidades de leitura de mundo e de textos escritos, a redação e a consciência crítica, possibilitando ao leitor preso reconhecer-se na sua história pessoal e na história dos seus companheiros de infortúnio, assim como seus estados emocionais e as suas representações internas e da realidade sociocultural, compreender as circunstâncias históricas que influenciaram e construíram as suas condutas, atitudes e comportamentos. A leitura e a escrita têm aqui o compromisso de lhes permitir encontrar novas formas de perceber e de significar o mundo e a si mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, prisão, cidadania.

ABSTRACT: From 2005, the project Hug without fear: readings and citizenship in the Industrial Penitentiary of Cascavel (PIC) has been developed activities of readings and production of compositions, adaptation and construction of performances with the condemned prisoners, who are serving the sentence in the Industrial Penitentiary of Cascavel. In 2008, the project, once approved in the Proext Programme/2008, received the promotion of the Ministry of the Culture. The proposal aim to develop the skills in reading written texts, editing, to improve the capacity of understanding the world and developing critical awareness, to let the prisoner-reader recognize himself in his personal history and in the others prisoners' history, understand his emotional

---

<sup>1</sup> Professora Doutora., adjunta, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* Cascavel. Contato: valdeci@unioeste.br

<sup>2</sup> Professora Mestre, assistente, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* Cascavel. Contato: claudianasoerensen@hotmail.com

<sup>3</sup> Bolsista recém-formada do projeto "Saberes e Valores Culturais da Juventude do MPA e do MST no Território do Cantuquiriguaçu", Universidade Sem Fronteiras. Contato: priscillabilac@hotmail.com

conditions, inner representations and representations of the sociocultural reality, realizing historical circumstances which have influenced and created his conducts, attitude and behaviours. Therefore reading and writing have the commitment of letting them know new way of perceiving and meaning the world and themselves.

KEY-WORDS: reading; prison; citizenship

## INTRODUÇÃO

O projeto “Abraço Sem Medo: leitura cidadania na Penitenciária Industrial de Cascavel” (PIC) veicula-se ao Programa de Extensão “Interfaces: Universidade e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da Unioeste”. Com capacidade máxima para encarcerar até 430 presos já condenados, a Penitenciária Industrial de Cascavel (PIC) pertence ao município de Cascavel, quinta cidade do Estado do Paraná em população. Em termos culturais, Cascavel é a cidade que sequer possui um teatro. Impera aqui a cultura do consumo, do entretenimento, do poder de poucos mandatários locais e da cultura midiática. Nessas circunstâncias, o projeto busca desenvolver atividades que contribuam para a ressocialização dos presidiários, possibilitando a eles o desenvolvimento de mecanismos psicológicos, afetivos e intelectuais que lhes permitam maior habilidade e mobilidade para interagir de forma positiva e moralmente ética quando retornarem ao convívio social.

Dentre as atividades desenvolvidas estão as leituras dos textos escritos pelos próprios detentos, além de textos jornalísticos, literários, filmicos, imagens e canções. As leituras são acompanhadas de um diálogo crítico-colaborativo entre os presos e a equipe do projeto. Após os encontros semanais são deixados textos, curtos e longos, de livre escolha, para serem lidos durante a semana e apresentados, em forma de leitura ou dramatização, aos companheiros, na reunião seguinte.

Em algumas leituras encenadas (dramatizadas), tendo os presos como atores, efetuou-se apresentações públicas dos espetáculos convidando pessoas das regiões Oeste e Sudoeste do Estado do Paraná para assisti-los, criando, assim, condições de possibilidades de as pessoas conhecerem as condições existentes na Penitenciária Industrial de Cascavel, a estrutura social que conduz esses indivíduos ao crime e a conseqüente privação de sua liberdade, desmistificando o estereótipo criado em torno da figura do apenado. Como é sabido em termos culturais e políticos, Cascavel é uma cidade extremamente conservadora. Além disso, corre, à boca miúda, a anedota de que, na cidade, antes de uma pessoa ser apresentada às outras, a primeira pergunta que se faz é sobre o montante pecuniário de que ela dispõe.

Embora por si só esses componentes histórico-estruturais não sejam os responsáveis, em seu conjunto eles agravam e acentuam nitidamente o fosso da desigualdade social – além de acentuarem a dinâmica da resistência à mudança, própria de um sistema que propõe e estimula a discriminação a diferença e a desigualdade. A saída mais fácil e corriqueira é condenar os que vivem em situação de risco social e pessoal, sem considerar, por exemplo, o que disse o juiz francês Oswald BAUDOT, por ocasião da cerimônia de investidura dos novos magistrados franceses.

Non tendes senão um poder mediocre: o de meter as pessoas na cadeia. E só vos dão este poder porque ele é geralmente inofensivo. Quando condenardes há (sic) cinco anos de prisão um ladrão de bicicletas, não estareis molestando a ninguém. Evitai abusar desse poder. Não penseis ser mais considerado por ser mais terríveis. Não julgueis que ides, como novos São Jorge, vencer o dragão da delinquência por uma repressão impiedosa. Se a repressão fosse uma coisa eficaz, há muito tempo teria alcançado seus objetivos. Se ela é inútil, como creio, não penseis em fazer carreira à custa da cabeça dos outros. Não conteis a prisão por anos ou meses, mas por minutos e segundos, exatamente como se tivésseis vós mesmos de sofrê-la.

Nesse contexto, a cidadania acaba sendo postergada ou totalmente negada, como pode ser visto no contínuo processo de segregação das camadas sociais desfavorecidas, o que conduz muitos jovens aos presídios no início da idade adulta. Muitos deles reincidem na criminalidade e, conforme Darcy RIBEIRO, isso gera um *apartheid* social e cultural que contribui para perpetuar o preconceito, a eterna infância, e discriminação e a criminalidade. As condições culturais dos presos da PIC contêm todas as carências próprias dos segmentos marginalizados e que sequer possuem o nível fundamental de educação formal. Nessas circunstâncias, inexitem as condições necessárias para a formação do hábito de leitura e de escrita ou elas estão muito aquém do necessário.

Contraopondo-se a esse espectro negativo, desde o Iluminismo se credita valor à cultura oriunda das atividades de leitura e de escrita como ferramentas de inclusão social e de constituição da cidadania, entendida aqui como processo político, social e histórico, a ser construído nas dimensões individual e coletiva de uma determinada população e de seus indivíduos. Além do mais, segundo os pressupostos da moderna teoria da leitura e linguagem, postuladas pelos professores MARCUSCHI & MENEGASSI, a leitura crítica e reflexiva tende, imperiosamente, a

culminar no ato da cidadania.

Para Roger CHARTIER, um texto pode aplicar-se à situação do leitor e, como configuração narrativa, pode corresponder a uma (re)configuração da própria experiência. Por isso, entre o texto e o sujeito que lê, coloca-se uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo. Essas considerações são balizas para este projeto de leitura e de escrita com vistas à construção da cidadania. Assim, o projeto tem como escopo teórico a Estética da Recepção, acompanhada de algumas premissas do Método de Leitura de Paulo Freire.

Ambos enfatizam os conhecimentos prévios do leitor, neste caso o leitor-presidiário, que traz consigo uma bagagem de informações e de vivências apreendidas, não nos bancos da escola, mas nas asperezas da vida vivida, para influenciar sua leitura de mundo antes da leitura do escrito. Assim, o leitor-presidiário não será visto como tabula rasa ou a encarnação do mal, e sim como ser concreto, com conhecimentos da realidade que o cerca.

Para o leitor-presidiário, a leitura deve ser oferecida como um processo educativo político-pedagógico, que tem princípios ético-pedagógicos baseados no protagonismo dos indivíduos como agentes de construção de sua própria autonomia e emancipação. O processo pedagógico deve ser entendido aqui como um intercâmbio de saberes e de conhecimentos entre os próprios presos, cujas experiências distintas, em muitos aspectos, são complementares em outros e similares na reclusão prisional. Este projeto de extensão universitária apresenta-se como a possibilidade de socialização do saberes acadêmicos com saberes pertencentes àqueles que estão a cumprir suas penas e que, portanto, não devem mais nada a ninguém — a menos que sua dívida seja comparada à impagável dívida do Brasil ou que, por ódio e vindita, sejam tidos como os eternos devedores sociais de uma sociedade que lhes deve tudo.

As mais das vezes, no interior da prisão, o preso-condenado sofre diversos tipos de arbitrariedades, falta de escola, espancamentos, humilhações, isolamentos, alimentação precária, etc. Grande parte dessas arbitrariedades decorre do fato de o preso ser originário das classes menos favorecidas da sociedade. São pessoas que, nas sociedades democráticas e liberais, desde a mais tenra infância, foram pressionadas por toda sorte de carências, desde as carências materiais, passando pelas afetivas e culturais. Para elas, as ditas sociedades democráticas e liberais resguardam ínfima parte do quinhão amealhado pelos impostos e, portanto, são sociedades incapazes de assumir compromissos nem instrumentos de ação efetiva, a não ser o código penal e as prisões. Sobre os sistemas prisionais, afirma Michel

## FOUCAULT:

Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, uma utilização estratégica daquilo que era um inconveniente. A prisão fabrica delinqüentes, mas os delinqüentes são úteis tanto no domínio econômico como no político. Os delinqüentes servem para alguma coisa.

De fato, é mais do que conhecido que, na sociedade administrada das democracias liberais, as prisões são, tanto no seu funcionamento quanto na sua finalidade, o pequeno segredo sórdido, o buraco escuro para onde se varre a pobreza quando ela, por falta de opções, se converteu em criminalidade. Isso porque, na sociedade administrada das democracias liberais, a prisão é um mecanismo de controle e de coersão cuja presença paira sobre todos os indivíduos que estão fora dos muros prisionais, mas obrigados a se submeter à vida reificada do império da mercadoria. Ainda que esse medo não seja consciente, a prisão acaba por ser a ameaça final, a espada que a sociedade administrada das democracias liberais encosta ao pescoço dos dominados.

Nesse sentido, a prisão não é apenas o seu edifício num local distante e isolado. Ela é todo o sistema liberal, que a constrói e que dela necessita, e todas as empresas, instituições e pessoas que a apoiam e com ela colaboram de forma direta. Lutar contra a prisão é lutar contra o sistema socioeconômico que a mantém.

Já que a sociedade industrial exige que a riqueza esteja diretamente nas mãos, não daqueles que a possuem, mas daqueles que permitem a extração do lucro fazendo-a trabalhar, como proteger esta riqueza? Evidentemente por uma moral rigorosa: daí esta formidável ofensiva de moralização que incidiu sobre a população no século XIX. Foi absolutamente necessário construir o povo enquanto sujeito moral, portanto separando-o da delinqüência, separando nitidamente os grupos de delinqüentes, mostrando-os como perigosos não apenas para os ricos, mas também para os pobres, mostrando-os carregados de vícios e responsáveis pelos maiores perigos.

Nessas circunstâncias, a atividade de leitura é um luxo de que essas pessoas não dispõem. Por outro lado, na população brasileira, em geral, a falta de tempo e o excesso de estímulos dificultam a formação do hábito de leitura e escrita. E, por razões culturais, o

brasileiro prioriza outras atividades em lugar da leitura. Já com a população carcerária pode se verificar o contrário.

Os presos dispõem de tempo e atribuem maior valor à atividade de leitura do que as pessoas em liberdade, como já foi observado na experiência semelhante já realizada. Dentre os fatores que concorrem para que a prática da leitura e da escrita, dentro da prisão, se destaque está o fato de os limites da comunicação face a face entre os presos e seus familiares ou companheiros obrigarem a ser feita por carta ou por bilhete até a comunicação mais ligeira. Acrescente-se que a dinâmica disciplinar e formal e organizacional dos presídios impor uma forma de comunicação entre os presos e a instituição, que é feita por instrumentos documentais. A condição de condenado promove controle estrito da vida, em que a dimensão institucional (jurídica, econômica, funcional) demanda conhecimentos e ações fortemente mediados pela leitura e pelo escrito. A desobrigação de tarefas cotidianas, a impossibilidade de lazer e a disponibilidade de tempo favorecem também a atividade de leitura e escrita.

Essa condição permite e promove, também, o registro de ideias, de experiências e de reflexões em diários e histórias, poemas, contos e crônicas. Por último, acrescente-se a certeza de que essa atividade será divulgada, apresentada e valorizada pela sociedade em geral. Por trás da atividade há o pressuposto de que o preso possa compreender que as ideias, os valores e o discurso são construtos sociais e culturais que organizam a nossa forma de representar e de apreender a organizar e a lidar com o mundo em que vivemos.

O projeto visa, portanto, oferecer a eles a oportunidade de compreender como as representações simbólicas são variáveis, segundo as disposições dos grupos ou das classes sociais; e compreender as representações aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas se colocam no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Quem, como eu, participa do Tribunal do Júri Popular, é obrigado a constatar que a maior parte dos réus são jovens do sexo masculino que não possuem, sequer, as séries iniciais da Educação Básica. Essa experiência viva se impõe como convocação para desenvolver atividades que possam contribuir para a mudança desse quadro. Por isso, em 2005 desenvolvemos o projeto de extensão com atividades culturais

dentro da Penitenciária de Cascavel. Como não havia verba para a para a consecução das atividades, eu tirava recursos do meu salário de professora. Quando isso não foi mais possível, tivemos de encerrar o projeto. Os jovens pobres continuam, porém, indo para o Júri Popular e, de lá, para as penitenciárias. Eis aí as razões para se estabelecer o processo colaborativo de construção de uma nova identidade e para a formação do hábito e do gosto pela leitura e escrita. Para a consecução das atividades foram propostos os seguintes objetivos específicos, que visam contribuir para que os presos possam:

- desenvolver o gosto e o hábito de leitura e de escrita;
- ampliar a formação cultural;
- ler os mais diversos tipos de materiais impressos, gravuras, filmes, canções e outros;
- auferir reproduzir e produzir conhecimentos, novos modos de ser e de viver mediante a leitura;
- encontrar desenvolver mecanismos psicoafetivos de (re)introdução e inserção na sociedade da qual foram excluídos;
- construir mecanismos de percepção, de conscientização e de avaliação dos limites, das pressões e dos espaços da agência, ação e atuação individual, bem como da participação coletiva na sociedade;
- buscar condições de compreender e de refletir sobre as práticas, as relações, os sentidos e os valores da sociedade em que vivem;
- desenvolver a autoestima, o cuidado e zelo de si, a valorização pessoal e a superação das dificuldades enfrentadas;
- fazer um balanço da sua história pessoal, para conseguir ver mais claros suas próprias escolhas e seus caminhos;
- repensar-se criticamente, com firmeza, tolerância e capacidade de propor novas formas de se olhar e de se perceber;
- escrever textos narrativos, líricos e argumentativos;
- compor roteiros, a partir da adaptação de outras formas textuais;
- aprender a construir o espaço social onde vivem e onde afloram suas relações sociais e onde possam criar um ambiente de cordialidade e respeito entre seus pares;
- facilitar a comunicação interpessoal e a construção de respostas coletivas;
- valorizar as experiências, as necessidades e os interesses comuns.

O método de trabalho das atividades de leitura a ser utilizado pelo projeto consiste no método recepcional, proposto pela Estética da Recepção. Conforme AGUIAR & BORDINI, esse método se divide em cinco etapas, que são:

- 1) Levantamento do horizonte de expectativas do leitor.
- 2) Atendimento do horizonte de expectativas do leitor.

- 3) Ruptura do horizonte de expectativas.
- 4) Questionamento do horizonte de expectativas.
- 5) Ampliação do horizonte de expectativas.

Esse método permite escolher os mais diversos tipos de texto, desde os da lavra pessoal, dos detentos, passando pelos jornalísticos, os jurídicos, os imagéticos, os filmicos, as canções e os literários em seus diferentes gêneros e estilos. Cada um destes textos deverá possibilitar aos alunos detentos vivenciar, alternadamente, o papel de vítimas e de algozes e se perceberem como construtores das mudanças na sua história pessoal e nas suas escolhas. Cada um deles deverá se sentir desafiado pelos textos em sua totalidade, e deverá tornar-se apto à apropriação do sentido e significação, além de se sentir desafiado pelas atividades propostas e pela construção de um trabalho coletivo.

Assim, eles poderão desenvolver uma atitude crítica, indispensável ao ato de ler com a necessária lucidez pertinente ao processo de construção de inferências. Os textos escritos serão revisados segundo as proposições teóricas da sociolinguística e os textos escolhidos para serem dramatizados passarão pelo crivo do teatro dialético de BRECHT na constituição das performances, especialmente tendo a “poética do estranhamento”, como método do fazer teatral. Poderão também melhorar e ampliar o léxico pessoal, que lhes permitam a concatenação e relação na construção de argumentos, o desenvolvimento das ideias; a reflexão e a percepção da identidade pessoal, (re) elaboração dessa mesma identidade, percepção do outro e da responsabilidade na construção da esfera pública, formação do hábito e do gosto pela leitura e escrita. Esta na gráfica para a publicação o primeiro livro de textos escritos pelos presos durante a realização do projeto.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. R. *Direito, poder e opressão*. São Paulo: Alfa-Omega, 1990.
- AGUIAR, V. T. de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. Ed. Trimestral. *Revista Tempo Brasileiro*. N ° 124. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- BORDINI, M.; AGUIAR, V. T. *A formação do Leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1988.
- BORDINI, M. da G. *Uma metodologia alternativa para a leitura na escola*. Leitura: teoria e prática. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, p. 34-36, jul. 1984.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1988.
- . *Da leitura do mundo à leitura da palavra*. Leitura: teoria e prática. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, p. 3-17, nov. 1982.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1996.
- THOMPSON, A. F. G. *A questão penitenciária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991 (Série Fundamentos, 42).